



Ambiente Virtual de Aprendizagem
dos Cursos de Pós-Graduação a Distância da UNILAB
**UNIVERSIDADE DE INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA**
Curso de Especialização em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar
(UNIAFRO)

DASY VÂNIA SILVA DE OLIVEIRA

**O COMBATE AO PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO
AMBIENTE ESCOLAR**

REDENÇÃO

2016

DASY VÂNIA SILVA DE OLIVEIRA

**O COMBATE AO PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO
AMBIENTE ESCOLAR**

Monografia apresentado como requisito para aprovação no Curso de Especialização em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos Subuhana

REDENÇÃO

2016

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

O45c Oliveira, Dasy Vânia Silva de.

O combate ao preconceito e a discriminação racial no ambiente escolar. / Dasy Vânia Silva de Oliveira. – Redenção, 2016.

45 f.: il.; 30 cm.

Monografia do Curso de Especialização em Política de Igualdade Racial da Diretoria de Educação a Distância da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Subuhana.
Inclui referências.

1. Discriminação racial - Brasil. 2. Brasil - Relações raciais. 3. Preconceito. I. Título.

CDD 305.800981

DASY VÂNIA SILVA DE OLIVEIRA

**O COMBATE AO PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO
AMBIENTE ESCOLAR**

Monografia apresentado como requisito para aprovação no Curso de Especialização em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Subuhana

Profª Drª

Prof. Dr.

Dedicatória

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, a minha família que sempre me apoiou em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial a todos/as que me incentivaram e ajudaram a persistir no estudo e realização do Curso. Aos que nos momentos de incentivos e críticas não deixaram que meus pensamentos tornassem tão solitários, que de uma forma geral me proporcionaram momentos de reflexão e crescimento intelectual.

Agradecimento especial a Deus que sempre me ilumina e me torna persistente e me dar força para tentar aprender a cada dia.

Ao professor Carlos Subuhana pelas devolutivas e agilidade nas orientações quando necessitei.

A minha mãe que tanto me incentivou a prosseguir os estudos.

Epígrafe

A persistência é o caminho do êxito.

[Charles Chaplin](#)

RESUMO

O preconceito e a discriminação racial no ambiente escolar foi um tema escolhido com o objetivo de investigar as variadas formas de manifestação de racismo no ambiente escolar, qual a postura do educador dentro deste processo e as ações que devem ser executadas em oposição a intolerância. Por isso, faz-se necessário a compreensão do que é racismo e raça e as diversas perspectivas que permeiam essa temática, considerando a existência do racismo em todo o território nacional. Em seguida, o assunto é abordado através de uma pesquisa envolvendo alunos, professores e núcleo gestor, sendo que as informações obtidas expõem claramente as manifestações de preconceito ocorridas dentro do espaço escolar e como estas são percebidas por todos. Para concluir esse estudo, observamos a escola como um ambiente democrático e as ações propostas para romper com os vícios que porventura, impedem as instituições de ensino de cumprirem com seu papel de formar cidadãos democratas.

PALAVRAS CHAVES: Discriminação; racismo; democratas

ABSTRACT

The prejudice and racial discrimination in the school environment was a topic chosen in order to investigate various forms of manifestation of racism in the school environment, which the posture of the teacher in this process and the actions that must be performed as opposed to intolerance. Therefore, it is necessary to understand what is racism and race and the different perspectives that permeate this theme, considering the existence of racism throughout the country. Then the subject is approached through a survey of students, teachers and core manager, and information obtained clearly expose the prejudice of demonstrations that took place within the school environment and how these are perceived by all. To complete this study, we observed the school as a democratic environment and the actions proposed to break the vices that perhaps prevent institutions from doing their role to form democratic citizens.

KEYWORDS: Discrimination; racism; Democrats

SUMARIO

INTRODUÇÃO	10
1º CAPÍTULO	
O RACISMO E SEUS SIGNIFICADOS.....	11
1.1 A DEFINIÇÃO DE RAÇA E RACISMO.....	11
1.2 O PRISMA BIOLÓGICO.....	12
1.3 A CONCEPÇÃO JURÍDICA.....	13
1.4 DISCRIMINAÇÕES RACIAIS NO BRASIL.....	15
2º CAPÍTULO	
2 DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA ESCOLA.....	17
2.1 O que os dados comprovam.....	17
2.2 Entrevista particular com alunos.....	18
2.2.1 Conclusão da análise com os estudantes.....	20
2.2.2 Conceitos dos professores sobre as demandas raciais.....	20
2.2.3 Conclusão da análise junto aos professores.....	22
2,3 Abordagens da escola em relação às questões raciais.....	23
2.4 Projeto Rosal da Liberdade.....	24
2.5 Abordagens da cultura afras nos livros didáticos.....	26
2.6 O Racismo oculto nas escolas.....	26
3º CAPÍTULO.	
3 AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO NO ESTADO DEMOCRÁTICO.....	29
3.1 A democracia no contexto do estado contemporâneo.....	29
3.2 O conceito da escola sobre o modelo democrático.....	31

3.3	Inclusão: uma escola para todos	33
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
	ANEXOS	
	ANEXOS I.....	36
	ANEXOS II.....	39
	ANEXOS III.....	42

INTRODUÇÃO

A definição de racismo e a sua existência ou não em nosso contexto social é assunto que gera infundáveis polêmicas e controvérsias, sendo que os estudiosos e socialistas tem dificuldade a encontrarem um conceito real para essa temática. Em especial no ambiente escolar, torna-se ainda mais complicado tratar do assunto e de situações relacionadas, visto que na maioria das vezes os envolvidos optam pelo silêncio, a fim de evitar maiores complicações. Essa problemática é a base deste trabalho, pois almejamos discutir a discriminação e a postura das instituições de ensino mediante essas questões. Para compreendermos essa realidade a fundo, partiremos da Escola de Ensino Fundamental Deputado Antônio Jacó, por considera-la uma escola que reúne em seu interior diferentes segmentos socioculturais.

Acreditando que a escola participa da construção histórico-cultural de um país, desejamos saber como a escola se porta diante das situações de discriminação e intolerância que ocorre dentro dela. Considerando que se constrói uma democracia a partir da educação, a discussão sobre o racismo e seu enfrentamento é de extrema importância na construção da cidadania. A missão de identificar tais práticas discriminatórias e o que fazer para detê-las não é simples, por isso não tenho a pretensão de apontar uma solução definitiva para esse problema neste trabalho. O que ambiciono é dar voz aos que estão calados, visto que por diversas vezes o silêncio atua como vilão, impedindo a descoberta do problema e impedindo a implementação de ações que visam mudanças em relação às questões raciais.

Este trabalho será dividido em três partes. Inicialmente, aprofundaremos nossos conhecimentos sobre o tema. Na segunda parte, analisarei uma realidade concreta, ou seja, tentarei descobrir se a discriminação racial se faz presente no ambiente das nossas escolas e como estas se posicionam em relação ao assunto. Na terceira e última parte, veremos a escola do ponto de vista democrático. Além de repassar conteúdos, a escola também tem a função de formar o cidadão. Mas de que maneira a escola realmente conseguirá ajudar o aluno a tornar-se sujeito da sua própria história? Se a escola andar lado a lado com a democracia, com certeza ela desempenhará seu papel de forma satisfatória.

O RACISMO E SEUS SIGNIFICADOS

1.1. A definição de raça e racismo

Para entendermos o sentido desses termos, é preciso que se compreenda o processo histórico que envolveu a formação desses conceitos. No século XIX surgiu o racismo científico, que buscava justificar a segregação a partir das descobertas da ciência. No entanto, segundo Munanga, “conceito de raça, tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico, (antes) é carregado de ideologia, [...] e esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação”. Comprova-se a veracidade dessas palavras por comportamentos e atitudes voltadas para a ignorância, agressividade, segregação e ódio racial percebidos em diversos setores e ambientes da sociedade brasileira.

No decorrer do tempo, o termo “raça” foi ganhando interpretações diversas para muitos povos. Essa interpretação servia para explicar, atribuir significados e justificar as relações sociais desses povos. Esse processo ocorreu ao longo de muito tempo até os dias atuais.

Em 1684, o francês François Bernier emprega o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças. Nos séculos XVI, XVII, o conceito de raça passa a efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época, pois utilizado pela nobreza local que se identificava com os Francos, de origem germânica em oposição aos Gauleses, população local identificada com a Plebe. Não apenas os Francos se consideravam como uma raça distinta dos Gauleses, mais do que isso, eles se consideravam dotados de sangue “puro”, insinuando suas habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir, administrar e dominar os Gauleses, que segundo pensavam, podiam até ser escravizados. Percebe-se como o conceito de raças “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvesse diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes. (Munanga,1988)

Atualmente, compreende-se que raça seja a relação social construída por indivíduos de todas as etnias que convivem em um mesmo espaço; convivência esta que nem sempre é harmoniosa. O termo raça é constantemente utilizado para caracterizar fisicamente as pessoas (cor da pele, tipo de cabelo, etc) influenciando de forma negativa o meio social, chegando a excluir e marginalizar algumas pessoas da sociedade.

De acordo com as Diretrizes Nacionais para a educação das Relações Étnico-Raciais (2005), o termo raça foi ressignificado, pelo movimento negro, pois, “em várias situações, o utiliza com sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos”.

E o que dizer do Racismo? O que seria esse fenômeno? Quais suas causas? Existe uma solução para esse problema? Aquino (1991) disse que racismo é “um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre o outro...”. Considerando essa afirmativa, quais seriam esses grupos superiores? O que define um grupo (ou raça) como superior a outra?

Partindo desses pressupostos e observações, notamos que o racismo é diversas vezes discutido em associação ao conceito de raça, em decorrência da relação existente entre eles. O prof Dr Kabengele Munanga coloca a seguinte definição:

...o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que tem características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suporte para características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. (Munanga, 1988)

Esse tema é debatido com bastante frequência, embora o conhecimento e a real conscientização por parte das pessoas ainda seja precário. Isso decorre do fato deste conceito trazer uma série de opiniões pré-concebidas, de haver uma forte valorização das diferenças biológicas, o que favorece uma concepção de superioridade de um ser humano em relação ao outro.

“Dessa forma Racismo é uma ideologia entre os grupos humanos” (Programa Nacional de Direitos Humanos, 1998, p. 12). As consequências dessa discriminação são fortes e profundas para as vítimas, constitui crime inafiançável para o agressor conforme o artigo 5º da constituição brasileira. Convivemos com um racismo que prega que algumas pessoas são superiores a outras por pertencerem a um grupo-étnico específico, enquanto não existe nenhuma comprovação científica de que existam raças diferentes. De acordo com a ciência, todas as pessoas são fisicamente iguais em sua constituição. O racismo e o conceito de raça surgiram em momento dentro da história; arraigou-se, criou fortes raízes, mas não podemos permitir que as diferenças sociais em virtude destes conceitos se perpetuem em nosso meio, já que todos somos seres humanos.

1.2 O PRISMA BIOLÓGICO

Durante o período colonial, surgiu a teoria da Hierarquização Racial, que tinha como base a segregação racial (no Brasil, a escravização do negro) ou o extermínio das raças “inferiores” (fica evidente no processo de branqueamento, que ocorreu após a abolição), promovia o ódio e deu início ao nazismo, período este que deixou profundas e dolorosas marcas na sociedade até os dias de hoje.

A partir desse momento, o racismo passa a se disseminar na medida em que acreditava-se que a capacidade física e intelectual de um ser humano é medida por características hereditárias, inatas e determinadas pela sua forma de ser. Dessa maneira, o que estipulava o valor do indivíduo era sua descendência e o pertencimento a uma nação racial e coletiva.

Hodiernamente, sabemos que o vocábulo “raça” é definido por aspectos sociais, e não biológicos. Considerando essa definição, devemos nos atentar para o fato de que o nazismo (considerando esse momento particular da história) segregava e discriminava além de um grupo étnico-racial definido, era algo maior e mais abrangente que a cor da pele ou outras características físicas. Os nazistas assassinaram milhões de judeus, independentes de estes serem brancos ou negros. Os próprios alemães, caso fossem portadores de alguma deficiência física ou mental, também eram discriminados e até mesmo mortos.

Conforme a enciclopédia Holocausto,

Segundo as teorias raciais nazistas, os alemães e outros povos do norte europeus eram "arianos" (que na realidade haviam sido um povo pré-histórico da Ásia central que havia migrado para a Europa e a Índia), e que eram uma raça superior às demais. Durante a Segunda Guerra Mundial, médicos nazistas conduziram “experiências médicas” que procuravam identificar provas físicas da superioridade ariana e da inferioridade não-ariana. Apesar de haverem conseguido assassinar milhões de prisioneiros não-arianos durante tais “experiências” de sadismo, os nazistas não foram capazes de encontrar quaisquer provas de suas teorias de diferenças raciais biológicas entre os seres humanos e de que eram os mais capazes. (Munanga, 1988)

Inúmeros foram os crimes e atrocidades cometidos durante o regime nazistas racistas. Milhões de pessoas foram escravizadas ou mortas em nome de uma "raça superior", que acreditava que as pessoas eram separadas por níveis, e que a sua “raça” detinha total supremacia, e que por isso podiam comandar todas as outras, inclusive decidir quem poderia continuar vivendo.

1.6 A CONCEPÇÃO JURÍDICA

No sistema atual de leis brasileiras, o racismo é tipificado como crime inafiançável e imprescritível, de acordo com a lei XLII da nossa constituição. A partir do momento em que a justiça brasileira criminalizou esse tipo de discriminação, ela assumiu perante a sociedade o compromisso de combater essa prática. No entanto, nem sempre o sistema jurídico contribuiu dessa forma positivo em relação a essa causa, ao contrário, em alguns momentos até estimulou essa prática. Logo após o “descobrimento”, durante cerca de 300 anos, a nossa própria legislação penal estimulava ação discriminatória, envolvendo algumas pessoas. Por exemplo, a escravização de índios e negros era legal; grupos de ciganos eram obrigados a usar roupas e chapéus de uma determinada forma, cor, etc.; caso contrário, estariam infringindo a lei.

Após a independência, houve mudanças em relação ao código penal. Todavia, a escravidão continuava e havia até mesmo no código penal de 1830, uma parte que tratava especificamente dedicada aos escravos. No artigo 60 do Código Criminal do Império, se o réu fosse escravo e incorresse em penas que não fossem a pena capital ou de galés, ele seria condenado à pena de açoites e depois, seria entregue ao seu senhor, que colocaria nele, escravo, um ferro pelo tempo e maneira que o juiz designasse.

Proclamada a República, algumas modificações foram feitas. As alterações continuaram ocorrendo no decorrer dos anos. Não obstante, nenhuma destas mudanças ocorridas fazia qualquer tipo de alusão ao preconceito ou ao racismo. Só na década de 50, foi incluída a lei Afonso Arinos (incluía dentro das contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça ou de cor) Lei n. 1.390, de 3 de julho de 1951, modificada pela Lei n. 7.437, de 20 de dezembro de 1985. Esta lei produziu efeitos irrelevantes, por tratar o assunto como contravenção, com penas reduzidíssimas (15 dias a três meses de prisão).

Na atual legislação a Lei n. 9.459/25, de 13 de maio de 1997 expandiu consideravelmente o alcance do diploma vigente, pois passou a compreender como crime a discriminação aqui abrangida, adicionando também ações resultantes de intolerância e discriminação étnica, religiosa e de procedência nacional. Etnia, religião ou procedência nacional. Retificou a Lei n. 7.716, de 15 de janeiro de 1989/26, alterando os arts. 1º e 20; rescindiu o art. 1º da Lei n. 8.081/27; a Lei n. 8.882/28; e adicionou um parágrafo, o 3º, ao art. 140 do Código Penal.

Entretanto, sem nenhum motivo justificável, diminuiu as penas de algumas infrações e não aproveitou a chance de aperfeiçoar o § 1º do art. 20, para contemplar não só os

símbolos, insígnias, emblemas e distintivos nazistas, como também os de outras seitas, que pregam o racismo e a discriminação.

1.4 DISCRIMINAÇÕES RACIAIS NO BRASIL

Vivemos em um país que dissemina a ideia de que possui uma sociedade igualitária, livre de preconceito e racismo em relação aos negros. Entretanto, os indícios e evidências das variadas formas de discriminação sofrida pelos afrodescendentes em território nacional, conforma que essa “igualdade” é um mito.

O mito da democracia racial nunca logrou se dissociar do projeto de branqueamento do povo brasileiro. A tão decantada mestiçagem vem a ser o elegante modo pelo qual a elite euro descendente compreendeu o processo de transição étnico-demográfico do povo brasileiro, rumo a uma sociedade totalmente livre da mancha negra e indígena. (Marinho,2006)

Por se tratar de um país mestiço, sempre houve a preocupação de repassar para o mundo a ideia de que existe uma relação de tolerância e harmonia entre os brasileiros, mesmo com o convívio de pessoas de raças diferentes.

Possuímos um padrão de relação social que dificulta a probabilidade da ascensão social dos indivíduos, principalmente a dos grupos de cor; sendo assim, compreendemos que toda e qualquer forma de discriminação racial, deve ser tratada de forma eficaz e enérgica, independente da prática racista executada.

O racismo existente aqui no Brasil é muito velado, passando despercebido por alguns, enquanto outros preferem fingir que não o enxergam. Normalmente as vítimas são as mesmas (negros e mestiços) que muitas vezes sofrem em silêncio ou não conseguem um retorno favorável quando buscam o judiciário.

O racismo é algo comum no dia a dia dos brasileiros. Muitas vezes se manifestam de maneiras sutis, em forma de brincadeiras, piadas, apelidos “inocentes”, mas que trazem por trás uma imensidão de preconceito que podem provocar consequências graves na vida das pessoas. É isto que torna a luta contra a discriminação mais difícil e complicada; o fato do racismo não ser exposto, aparecer sempre camuflado, até por que ninguém quer ser apontado como racista.

De acordo com uma pesquisa feita pela psicóloga Sylvia Nunes (Nunes,2011) no Instituto de Psicologia da USP, sobre a sutilidade do preconceito, a forma de discriminar mudou muito, pois antes o racismo era mais explícito, acontecia em forma de agressões físicas e verbais, o que tornava mais fácil denunciar esse tipo de crime. Estabelecendo um comparativo com as manifestações do crime nos dias contemporâneos, fica bem mais difícil de tomar consciência que está sendo discriminado ou de tomar medidas de combate a intolerância.

Apesar da camuflagem, percebe-se claramente que o racismo ainda impera na nossa sociedade, são muitas as consequência e barreiras sociais promovidas pelo mesmo, pois a maior parte da população negra do nosso país padece. Na tentativa de inverter essa situação, surgem medidas e ações de inclusão social, buscando combater as permanentes formas de preconceito racial que permeiam as relações sociais e raciais no país.

2 DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA ESCOLA

2.1 O que os dados comprovam

No intuito de averiguar a realidade das crianças e adolescentes nas escolas, fui até a escola municipal de Ensino Fundamental I e II Deputado Antônio Jacó, localizada no município de Redenção para selecionar todas as informações necessárias, que nos permitam ler aquela realidade que se coloca de maneira tão complexa. Além do conhecimento que busco adquirir, pretendo, através dos dados da pesquisa, encontrar meios para combater a desigualdade racial no ambiente escolar. Esse trabalho será feito a partir de observação e entrevistas.

Com base no resultado da pesquisa, serão considerados tanto os elementos quantitativos, quanto os qualitativos, sendo que a partir deste último obterei o suporte da confirmação ou não da existência do racismo no espaço escolar, visto que:

Pesquisar é desenvolver um processo de investigação orientado

por um método, com objetivo de levantar e analisar dados que permeiam o conhecimento sobre a realidade. Um requisito fundamental na formulação de um projeto de pesquisa é a definição das perguntas a que se pretende responder no fim do processo. (Barreto,2011)

A pesquisa foi realizada com alunos, professores e núcleo gestor de uma escola pública, por compreender que esta consiga reunir em seu espaço alunos de diversas realidades social, cultural e econômica.

Referente ao número de alunos envolvidos na pesquisa, corresponde a um total de 85 alunos. Os sujeitos da pesquisa são alunos do 8º e 9º ano do ensino fundamental II. Além destes, participaram do trabalho seis professores e dois membros da equipe gestora da referida escola.

A princípio, o primeiro contato foi para solicitar autorização à direção da escola escolhida. No referido momento, apresentei-me como aluna do curso de especialização em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar, da UNILAB, e informei sobre o objetivo da pesquisa. A autorização foi concedida em seguida.

Em um momento de conversa com o corpo docente da escola, foi explicado de que forma se daria a pesquisa, qual seria o público alvo (8º e 9º ano) e solicitado assistência na aplicação da enquete aos alunos conforme os horários de aulas e disponibilidade do professor. Toda a coleta de informações foi feita exclusivamente no período vespertino.

O trabalho de pesquisa com os educandos ocorreu de forma simples e tranquila com a aplicação de uma enquete com perguntas de múltiplas escolhas, sendo que destas o aluno poderia marcar uma única alternativa e dessa maneira conhecer a percepção dele sobre intolerância, preconceito e racismo na escola, bem como a classificação quanto à cor/raça.

2.2 Entrevista particular com alunos

A enquete aplicada era constituída de dez questões de múltipla escolha. O primeiro questionamento referia-se a especificação racial; os alunos marcaram qual a cor/raça eles se consideravam pertencentes, tendo cinco opções para declarar. Na elaboração desse item, foram utilizadas as categorias brancas, amarelas, indígenas, pretas e pardas, considerando as mesmas categorias de classificação utilizada pelo IBGE. Neste seguimento, tendo em vista que a cor parda representa uma linha intermediária entre o branco e o preto, fez-se primordial a composição da mesma e assim asseverar a diversidade de cores que de uma maneira integral represente os sujeitos envolvidos.

De acordo com o resultado da pesquisa, observamos que os dados recolhidos observam-se da seguinte forma: 13 brancos, 02 amarelos, 43 pardos, 02 indígenas e 09 pretos.

As outras questões da enquete tratam de temas referentes ao dia a dia na escola, haja vista que a partir desse convívio diário, podemos estudar e ponderar as relações sociais, em especial as raciais.

A respeito da questão 02, alude a percepção do eu em relação aos grupos sociais nos quais estão inseridos, 87% marcaram a opção (A), que convivem bem com todos, independentemente de cor, raça ou religião. No tocante ao item C, se vítima de preconceito, apenas 7 % marcaram a alternativa.

Atividades, palestras, discussões e reflexões se fazem necessárias, visto que a escola deve contribuir na busca de soluções para todos os problemas vivenciados no contexto escolar.

Na terceira questão, o objetivo foi entender qual entendimento os alunos têm do significado do vocábulo preconceito, em seu sentido real. Um total de 59% dos participantes assinalou o item correto, que conceituava o preconceito como “juízo pré-concebido,

manifestado na forma de uma atitude discriminatória, perante pessoas, lugares ou tradições considerados diferentes”. Os demais marcaram opções que não correspondiam ao entendimento correto.

Referente a questão de número 04, que tratava das expressões utilizadas para referirem-se aos negros, boa parte dos alunos optaram pelo item (C), que diz que nem sempre que nos referimos aos negros, estamos sendo preconceituosos. Dos 68 alunos que responderam 34 fez essa opção, o que corresponde à metade dos participantes.

A inclusão da história do negro no currículo escolar está assegurada nos PCNS, nas diretrizes curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, mas nem sempre as instituições de ensino abordam essa temática de forma ampla e adequada.

Na pesquisa, também foi colocado um questionamento a fim de averiguar com que frequência à história do negro é abordada em sala de aula. De acordo com o resultado, mais de 59% dos alunos afirmaram estudar o assunto na disciplina de história, bem como em outras circunstâncias, como por exemplo, quando a escola trabalha projetos voltados para a cultura afro. A maioria dos demais afirmou tratarem da temática apenas em datas comemorativas (abolição da escravatura em Redenção e no Brasil, Consciência Negra) e uma pequena minoria disse não ter visto o assunto.

Sobre a discriminação racial, dos 68 alunos entrevistados, 38 asseveraram que é manifesto as disparidades raciais existentes na nossa sociedade. Porém, 23 estudantes disseram não acreditar na existência do racismo, que tratados de forma igualitária. Apenas 07 alunos afirmaram desconhecer o assunto.

No questionamento que abordava as condutas racistas, o item (A) foi o mais mencionado, sendo que este considera a discriminação uma prática que deve ser abolida de nosso meio social, e o respeito e tolerância às diferenças deve fazer parte dos princípios de todos. Um total de 57 alunos apontou essa opção. Os demais educandos escolheram as outras alternativas, sendo que destes, 07 marcaram a opção (B) afirmativa esta que diz desrespeitar quem é diferente é comum em nossa sociedade.

As perguntas que mais enfatizaram as ocorrências voltadas para o racismo e condutas discriminatórias são a 9ª e 10ª. No que tange a nona questão, os alunos foram indagados sobre o fato de eles já terem ou não testemunhado algum tipo de comportamento ou atitude racista. Duas alternativas foram as mais escolhidas (A e C), representando integralmente 95% dos

entrevistados. A alternativa A assegura que sim, que presenciaram racismo diversas vezes e que essa prática faz parte do cotidiano escolar; e a C, que viram pessoas próximas a eles sendo discriminadas, fato este que os deixou muito perturbados, visto que vivemos em um país de incomensurável heterogeneidade cultural.

Em relação a décima questão, que indagava a respeito do papel e da contribuição da instituição escolar no combate ao racismo, 69% dos alunos, escolheram o item (A), que dizia que a escola tinha a função de gerar a discussão coletiva sobre a discriminação racial e suas vertentes, no intuito de encontrar meios efetivos para solucionar o problema em seu meio, com a participação de todos os envolvidos (alunos, professores, núcleo gestor, pais, comunidade).

2.2.1 Conclusão da análise com os estudantes

De acordo com as informações proporcionadas, verificamos que os alunos creem que não devam existir condutas discriminatórias e racistas, que precisamos aceitar e respeitar as diferenças e que se faz necessário trabalhar com ideias que envolvam essa temática com mais frequência na escola. Vale ressaltar, que todas as escolas municipais de Redenção, já trabalham anualmente um projeto chamado “Rosal da Liberdade”. Este trabalho é realizado nas salas de aula, onde os alunos estudam sobre a história do africano e sua contribuição étnica e cultural na formação da sociedade brasileira. No dia da culminância, os educandos socializam tudo que aprenderam e confeccionaram durante a vigência do projeto.

Percebemos claramente a partir dessa análise, a existência de comportamento racista nessa escola. Isso ficou claro quando asseguraram já terem presenciado atitudes racistas, bem como acreditavam que situações dessa natureza faziam parte de seu cotidiano escolar. Considerando essas informações, podemos concluir que os estudantes reconhecem a seriedade do tratamento que carece ser dado às questões ligadas ao preconceito e a discriminação racial dentro do ambiente escolar, pois estes esperam da instituição de ensino que ela se engaje ainda mais em promover ações de combate ao racismo, envolvendo todos que fazem parte do meio escolar.

2.2.2 Conceitos dos professores sobre as demandas raciais

Concluído o trabalho com os alunos, objetivamos saber como os educadores lidam e observam com circunstâncias abrangendo a temática em estudo. Continuando como ferramenta de pesquisa, a enquete foi apresentada aos professores, sendo seis os participantes. Todos são professores do 8º e 9º ano, de todas as disciplinas existentes.

Com a finalidade de descobrir o posicionamento dos docentes em relação ao tema abordado, foram escolhidas algumas das questões ofertadas aos alunos, bem como outras voltadas para o professor. As perguntas que diferenciam são tocantes a assuntos como currículo escolar, distinção entre grupos étnico-culturais, papel da escola como mediadora de um relacionamento harmonioso entre todos, aceitação e respeito as diferenças, como reagir (postura do professor) em uma situação de discriminação. Todos os questionamentos foram de múltipla escolha, com perguntas com única opção de resposta, entre (A, B, C, D). Os educadores responderam à pesquisa em uma sexta-feira, 13 de Maio, dia do planejamento coletivo da escola. Alguns itens permaneceram os mesmos dos alunos, para se compreender a visão do educador sobre a mesma circunstância ou semelhante, como por exemplo, a questão que indagava aos educandos sobre a maneira que a história do negro é lecionada na escola. Nesse momento, todos os professores participantes da pesquisa assinalaram o item (A), que o tema é ministrado em sala de aula na disciplina de História, e também é trabalhado em outros momentos, como é o caso do projeto “Rosal da Liberdade”.

Sobre a segunda questão, 05 participantes marcaram a opção que afirma a temática do racismo, como um assunto que deve fazer parte do contexto pedagógico da escola. Apenas 01, marcou alternativa, a qual afirma que o assunto deveria ser pautado apenas em caso de manifestações comprovadas de discriminação racial dentro do colégio. Compreende-se então que a escola é responsável por tratar o assunto, a princípio desenvolvendo um estudo com os docentes com o objetivo de conhecer profundamente o assunto, para que se possa lidar de maneira eficaz e adequada com as diversas situações que ocorrem no dia a dia.

Na questão de número 06, interrogou-se sobre as ações propostas pela escola para difundir a convivência harmoniosa, a aceitação da pluralidade étnica e o respeito à diferença; Dois entrevistados escolheram a opção (A) que prega o destaque a ser dado ao conhecimento sobre nossas heranças culturais, outros dois marcaram o item (B) que fala da valorização do pertencimento a uma determinada raça, e o restante, indicaram o (C), que fala da importância de proporcionar momentos de reflexão acerca do assunto.

Analisando a sétima questão, que trata das expressões verbais utilizadas no dia a dia entre os alunos, quatro docentes disse achar adequado usar eufemismos para referirem-se a etnia dos alunos, enquanto os outros achavam que deveriam fazer um trabalho educativo, visando a aceitação de termos como “negro” para delimitar a etnia de cada um, embora reconheçam que esta seja uma tarefa que exige bastante cautela. O item que afirmava que a linguagem não tem o poder de influenciar as questões raciais foi descartado por todas.

Sobre o acervo disponível para tratar do tema na escola, todos os professores estavam de comum acordo. O coletivo de docentes afirmou que embora a escola tivesse algum material disponível, a seriedade do assunto exigia que a instituição dispusesse de uma maior quantidade de livros e afins, para a concretização de um melhor trabalho de conscientização sobre os educandos.

A respeito da capacitação pedagógica para tratar assunto, todos concordaram que se faz necessário um estudo mais aprofundado sobre a questão, seguido de uma socialização com todo o grupo. Na última questão, questionou-se como deveria ser a atitude do educador diante de uma situação de discriminação racial; 04 professores asseguraram que o ideal seria esclarecer no momento a existência das diferenças e o respeito que deve haver quanto a essas disparidades, enquanto que o restante, disse achar melhor contornar a situação de maneira suave, incentivando um pedido de desculpas.

2.2.3 Conclusão da análise junto aos professores

Compete aqui ressaltar que os professores acreditam que já existe uma iniciativa da escola para combater o preconceito e a discriminação, embora se faça necessário um trabalho mais amplo voltado pra essa temática. O grupo de educadores acredita que faz parte das funções das instituições de ensino promover e fortalecer uma convivência harmoniosa entre todos, a aceitação da diversidade étnica e o respeito as diferenças. Para cumprir com este papel, faz-se necessário que a escola enfatize a importância sobre os legados culturais, reafirmando a precisão de um estudo mais compenetrado sobre o tema. Sobre a formação dos professores sobre as questões raciais, os participantes da pesquisa consideram-se com pouco saber sobre todo esse contexto, e acreditam precisar de mais conteúdo para aplicar no dia a dia. No entanto, o grupo de professores entrevistados, consegue compreender corretamente o seu papel como mediador de conhecimentos e orientador de mudanças de atitudes, pois tem

consciência do seu papel de instruir os alunos, sempre que necessário sobre a importância do respeito a toda e qualquer diversidade.

2.3 Abordagens da escola em relação às questões raciais

Tornou-se essencial saber como a escola encara e enfrenta as situações ligadas ao preconceito e a discriminação racial. Por esta razão, o núcleo gestor da escola também respondeu alguns questionamentos envolvendo essa temática.

O primeiro questionamento indagou sobre a colocação da história do negro como conteúdo disciplinar na rotina escolar dos estudantes. Ambas as gestoras (diretora geral e coordenadora pedagógica) garantiram que o tópico é trabalhado na sala de aula com frequência, bem como nas datas comemorativas (abolição no município e no país, consciência negra) de forma mais ampla. Além destes, também existe o projeto “Rosal da Liberdade” que trabalha a cultura afro-brasileira em todas as escolas do município. Durante a aplicação desta ideiação, é feito um trabalho de valorização da cultura afrodescendente, através de leitura, dança teatro, entre outros. Este projeto existe na intenção de ressaltar o fato de Redenção ter sido a primeira cidade do Brasil que aboliu a escravatura.

Sobre a questão 03, que refere-se a cultura negra e como ela é abordada na escola, foi assinalado o item B, que afirma que o objetivo desse estudo é descobrir e valorizar seu legado. Na quarta questão, que se refere ao conteúdo do currículo escolar, foi expresso que este destaca de maneira positiva a diversidade racial.

Referente a quinta questão, que implica sobre o real conhecimento do professor sobre o racismo e suas variantes, foi informado que a prática pedagógica da escola é avaliada e reavaliada constantemente e reflete sobre as definições e valores apresentados sobre o negro e a cultura afro, conhecimentos estes que devem ser repassados aos alunos. “Porém, a coordenadora pedagógica Sílvia Pereira ressaltou que” embora muito já se tenha feito e continue se fazendo a esse respeito, alunos e professores tem pouco conhecimento para posicionar-se de forma crítica no que se refere à cultura negra. “Ainda precisamos melhorar neste sentido”.

Quanto à forma de a escola conduzir as circunstâncias que envolvem o racismo, uma das participantes acredita que o assunto deve ser tratado pela escola no contexto pedagógico,

de forma preventiva; enquanto a outra mencionou que essas situações são particulares, sendo melhor acompanhar cada caso que surgir em caráter reservado. Na questão 06, ambas as entrevistadas assinalaram item B, que diz ser importante promover as relações étnico-culturais e estabelecer a socialização harmoniosa entre eles. A questão pedia para que se opinasse sobre a diversidade entre grupos étnico-culturais.

A sétima questão está relacionada sobre a capacitação de professores em relação às questões raciais, teve como alternativa escolhida a C, que diz existir necessidade de mais estudo sobre o assunto, para depois repassar aos professores. Cabe lembrar aqui, que os professores responsáveis pelo projeto Rosal da Liberdade, participam de uma formação especial ofertada pela secretaria de educação do município.

Sobre as expressões verbais, que são lembradas na questão 08, todas assinalaram o item B, que garante que a linguagem utilizada no cotidiano escolar influencia diretamente nas questões ligadas a discriminação e o racismo. Sobre a nona questão, que aborda a maneira do professor trabalhar essa temática em sala de aula, o item marcado pelas participantes foi o D, que diz que a Escola trabalha as situações que envolvem racismo de forma coletiva, envolvendo toda a equipe de funcionários.

Quanto a última questão, foi perguntado sobre o material disponível na escola para tratamento do assunto. Ambas as participantes afirmaram que a instituição tem um acervo razoável disponível, porém considerando a importância do tema e a necessidade de abordá-lo em sala de aula com constância, a quantidade de livros e afins que a escola disponibiliza ainda é pequena.

Com base nestas informações, podemos afirmar que a escola está no caminho correto, pois ela reconhece a urgência de transformar o ambiente em um espaço de batalha contra a discriminação. Os alunos estão sendo instruídos sobre a existência da diversidade (racial, cultural e religiosa) e estão aprendendo como se portar como indivíduo social diante dessa realidade. Vale pontuar também a sintonia existente entre o núcleo gestor da escola. Em quase todos os questionamentos da pesquisa, elas tinham a mesma visão e opinião sobre o assunto, o que comprova que realmente essa instituição trabalha em equipe. Não havendo divergências, fica bem mais simples ter sucesso no trabalho realizado. Que a escola Dep. Antônio Jacó continue empenhada nessa causa!

2.4 Projeto Rosal da Liberdade

O projeto Rosal da Liberdade vem sendo desenvolvido no município de Redenção desde o ano de 2013, tendo como público alvo os alunos, professores e gestores das escolas que compõem a rede básica de ensino fundamental II e comunidade escolar. O desenvolvimento deste trabalho conta com a parceria do Instituto Prisma de Desenvolvimento Humano e da Secretaria Municipal de Redenção.

Este projeto foi uma ação implementada no município com o objetivo de realizar um trabalho educativo sobre diversidade e cidadania na escola. A ideia de construir esse trabalho surgiu em consonância com o reconhecimento de que Redenção foi a primeira cidade do país que aboliu a escravidão, bem como o fato do município sediar a UNILAB (Universidade Federal de Integração luso Afro-Brasileira) desde 2009. Em consequência da implantação da universidade, chegaram alunos de países parceiros africanos, o que favoreceu um ambiente de debates e estudos sobre a cultura africana, afrodescendente e das questões que envolvem a diversidade, multiculturalismo e a cidadania, não só na comunidade acadêmica, mas também em toda a sociedade redencionista, em especial na área da educação. O Rosal da Liberdade e suas propostas educacionais, assim como a legislação brasileira se coadunam às propostas de diversidade e cidadania que visam a necessidade de um trabalho interdisciplinar, coletivo, participativo, sensível ao contexto local, objetivando a criação de hábitos, valores e a capacitação do corpo docente das escolas do município, integrando e abrindo espaço para a expressão multicultural.

O projeto é aplicado em 17 escolas durante todo o ano letivo. Na semana do dia 20 de Novembro (dia da consciência Negra) acontece a culminância com a apresentação de trabalhos realizados no decorrer do ano.

Durante a formação (ocorre em um período de dois dias) realizada com os professores de História, do 6º ao 9º ano, são abordados diversos temas relacionados a África e sua influência em nossa cultura, beleza negra, racismo, religiosidade afro, entre outros. Também é sempre repassada aos professores a lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e cultura Afro-Brasileira na educação básica.

A formação é concedida pelo Instituto Prisma Desenvolvimento Humano com a professora Silvia Maria Vieira dos Santos, professora de História e mestre em Educação Brasileira – UFC – realizando atividades para a compreensão e reconhecimento dos valores civilizatórios afro-brasileiros que estão presentes em nosso cotidiano.

2.5 Abordagens da cultura afro nos livros didáticos

Qual o enfoque dado ao negro e sua cultura nos livros didáticos? Estará existindo uma valorização das diversas culturas existentes? A verdade é que na maioria dos livros didáticos fica difícil intuir o prestígio e a valorização do multiculturalismo.

Boa parte do material disponibilizado apresenta apenas pessoas brancas como referência, onde o negro sempre aparece como referencial do período escravista (colônia e Império) ou para comprovar ocorrências de desprestígio igualitário.

Referente ao estudo das diversidades, notamos que maiores partes do acervo oferecido dão maior importância aos episódios de angústia e vexame ocorridos com os afrodescendentes no Brasil, quando deveriam adequar ponderação e conhecimento crítico aprofundado sobre as aquisições, a forma de viver após a abolição e suas contribuições para o desenvolvimento político, social, econômico e cultural do país.

Sabemos que o livro didático é o principal instrumento ideológico da escola. A criança não vê nele seu cotidiano representado, mas muitas vezes percebe a ausência de pessoas negras representadas ou ocupando posições subalternas. Isso resulta em uma sensação de estranheza, podendo levar a criança negra a auto depreciação e a construção de uma autoimagem negativa. (Fonseca, 2002)

Durante a vida escolar, os alunos negros terminam por conhecer apenas parte da origem de seus ancestrais; ele acaba por conhecer apenas o que é contado nos livros didáticos, ou seja, ela entende que seus antepassados foram escravizados, humilhados e inferiorizados diante de outros povos, o que pode vir até um efeito negativo sobre esses alunos.

2.6 O Racismo oculto nas escolas

Apesar de todo trabalho voltado para esse contexto, será que podemos afirmar que não existe discriminação em nosso ambiente escolar? Discutir essa temática é algo complicado, visto que a escola é reconhecida como um meio que não seleciona, nem diferencia socialmente.

Pode se afirmar que o preconceito faz parte de nosso comportamento cotidiano. Frequentemente nos defrontamos com atitudes preconceituosas, seja em atos ou gestos, discursos e palavras. A sala de aula não escapa disso. E trabalhar com essa questão, ou mesmo com a intolerância, não está dentre as tarefas mais fáceis do professor. Mas não são questões novas. Há muitos a sociedade vêm lutando para manter as escolas um pouco resguardadas dos conflitos decorrentes da intolerância entre diferentes grupos. (Aquino, 1998)

Ainda que o preconceito e a discriminação racial existam em nosso meio em grande escala, mas quando ocorre no ambiente escolar, as consequências podem ser devastadoras, o que torna necessário uma reflexão profunda por parte do corpo docente da escola, sobre como lidar com essas questões.

O preconceito é um ato discriminatório que se baseia no sentimento de superioridade de uma pessoa em relação a outra, o que é injusto, considerando que todos somos seres humanos e que o tom de pele de cada um não interfere nessa concepção. Quando as manifestações de intolerância racial ocorrem no meio escolar, em alguns casos, a escola termina por se omitir. Isso ocorre, por exemplo, na utilização de termos preconceituosos, como “a coisa está preto”, “humor negro” e muitos outros que são frequentemente utilizados e quase sempre ignorados na intenção de não gerar conflitos.

Essa maneira pejorativa de expressar opiniões sobre o negro nos mostra que nosso sistema educacional ainda deixa muito a desejar nesse aspecto. Essa realidade torna a escola pouco atraente para o público negro, trazendo consequências graves para estes alunos, que por diversas vezes abandonam o ciclo escolar antes do término ou concluem o ensino básico com atraso.

Ao fechar os olhos para a realidade singular dos alunos e alunas negros, o sistema de ensino não reconhece que eles enfrentam uma série de problemas especialmente típicos desse grupo: entrada precoce no mercado de trabalho; a baixa qualidade do ensino público, no qual se concentra a maioria dos estudantes afros descendentes e, portanto, não estimula a elevação de sua autoestima. (Marinho,2006)

São muitas situações e acontecimentos que favorecem a prática do racismo no ambiente escolar, considerando que o próprio material didático utilizado nas escolas costuma se utilizar de pessoas brancas como modelo de referência, sendo o negro costumeiramente associado apenas a um período histórico(sociedade escravista)ou mesmo para exaltar alguns negros que se destacaram na sociedade(jogadores de futebol, músicos e outros) ou em outros momentos em que se coloca a questão do desprestígio social.

Outras situações comuns de preconceito, que ocorre de forma quase invisível, é o fato de não haver parcerias ou outras formas de aproximação com profissionais negros (médicos, dentistas, entre outros). Quando ocorrem esses momentos, as equipes profissionais são montadas por pessoas brancas, o que ocorre por dificilmente os negros atingirem um nível educacional adequado pra exercerem essas profissões ou não serem convidados para participar destes momentos.

A atitude de tentar minimizar situações de discriminação racial, que é bastante comum em sala de aula, o que normalmente ocorre em virtude do pouco conhecimento que alguns profissionais da educação têm sobre o racismo e suas consequências. Às vezes, em uma tentativa de solucionar um problema que envolve intolerância racial, um professor termina por exaltar a beleza negra, por exemplo, quando ele deveria simplesmente colocar que é normal ser branco, preto ou indígena e que essa diferença tem que ser aceita e respeitada.

Diante dessa realidade, nos cabe averiguar a partir de informações seguras, se de fato o racismo está sendo praticado e como isso está ocorrendo, para então, viabilizarmos uma forma de criar um contexto escolar que seja capaz de romper com antigos paradigmas de exclusão.

03 AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO NO ESTADO DEMOCRÁTICO

3.1 A democracia no contexto do estado contemporâneo

Para entendermos o que vem a ser democracia, podemos observar a definição estabelecida pelo dicionário Aurélio, que é a seguinte: 1- governo popular, soberania do povo, democratismo. 2-” Doutrina ou regime político baseado nos princípios da soberania popular e da distribuição equitativa do poder.” Levando em consideração essa definição, podemos constatar que neste regime político o povo participa ativamente nas decisões do estado.

No entanto, mediante a s grandes desigualdades sociais que permeiam nosso meio social, muito indivíduo têm deixado de compreender o que realmente é a democracia. Isso ocorre por que esse conceito mudou e continua mudando no decorrer do tempo. A construção desse modelo democrático é resultado de um processo histórico, sendo que a interpretação feita da democracia sempre dependeu do meio social e do procedimento histórico.

De acordo com Ricardo (2005), os ideais de Democracia e liberdade são considerações político-jurídico existentes há bastante tempo na tradição política do Ocidente, ao menos desde as suas edificações filosóficas e política na Grécia Antiga, no decorrer dos séculos V e IV antes de Cristo.

Para Elie Ghanem (2004), “além de ser um sistema político, a democracia é uma luta constante contra poderes que tendem ao absoluto”, e em vários momentos da história da política brasileira, notamos que alguns governantes ignoraram qualquer forma de democracia e tentaram impor seus ideais e suas atitudes. Mesmo assim, através de lutas o modelo democrático permaneceu ativo no estado brasileiro, pois coube e cabe ao povo eleger um cidadão como seu representante político, sendo que este tem por função cuidar dos interesses de todos, podendo ser substituído em eleições diretas se não atender ao gosto popular.

Um marco histórico no que toca a essas questões foi a constituição de 1988, já que no artigo 14 ela dava destaque a soberania popular a ser executada através dos mecanismos de participação do povo legalmente previstos.

Vejo que a Democracia contemporânea deve ser encarada como aquele regime político em que a representação política formal da vontade popular se perfaz não só através das instituições representativas tradicionais como também e, sobretudo, cada vez mais através de mecanismos de participação popular na gestão da coisa pública. Desta maneira, não basta se garantir ao cidadão ou aos diversos grupos sociais a livre expressão política e cultural e a igualdade formal perante a Lei, como também,

e sobretudo, a proteção efetiva dos direitos coletivos e difusos mediante mecanismos jurídicos e meta-jurídicos eficazes. (Alves, 2005)

Fica evidente que se a democracia for realmente aplicada conforme é prevista por lei, todos terão garantias quanto aos seus direitos e deveres, visto que nosso país tem dado avanços consideráveis no aspecto social, cultural, econômico e social, embora ainda também faça parte deste cenário grandes disparidades resultantes desse mesmo governo democrático.

Levando em conta que pode existir um laço estreito entre educação e democracia, concluímos que a educação pode transformar a ideologia de muitos, mudar a forma de pensar e agir, podendo chegar ao ponto de se transformar em democracia, a medida que consegue transformar de maneira significativa a forma de viver de um povo.

A educação atuará contra a democracia se, como é muito comum, se for praticada em desrespeito aos direitos fundamentais e, com isso, favorecer poderes sem controle, sejam os do Estado sejam os do mercado, sejam também os que se exercem no âmbito doméstico (Ghanhen,2004)

Da mesma forma que será contrária à democracia se suas práticas forem contrárias à democracia se suas práticas ratificarem a desigualdade ou contribuírem para gerá-la. Atuará contra a democracia também se acentuar a distância entre indivíduos e o espaço público, se suas práticas forem em si mesmas avessas ao sistema político e forem condição para que as pessoas se fechem no universo de sua vida privada e de seus negócios particulares.

Não obstante, percebe-se que o ensino brasileiro por muitas vezes tende a dar prioridade a um ensino e um conjunto de saberes voltado para a preparação e a certificação, deixando em aberto a formação do indivíduo como ser social, abstendo-se de formar o cidadão para as exigências do meio social no qual ele está inserido, não conseguindo dessa forma aproximar-se da democracia.

Assim sendo, na escola ou fora dela e principalmente, na conjugação de agentes educacionais escolares e não escolares, a educação será a própria convivência democrática se se mostrar como resposta às necessidades de indivíduos e grupos, tornando-se ação de fortalecimento de atores sociais e políticos, combatendo a desigualdade, agindo refletidamente em corresponsabilidade para com o conjunto sócio-político em suma uma educação que se faça simultaneamente como exercício de cidadania.(Gadotti,2003)

A educação tem o poder de transformar mentes, principalmente quando prepara o ser humano para conviver em uma sociedade, possibilitando que ele consiga se adaptar a todas as mudanças que venham a ocorrer no seu meio, reconhecendo as necessidades de cada um; dessa forma a escola conseguirá aproximar-se de um modelo democrático correto.

3.2 O conceito da escola sobre o modelo democrático

Para definirmos este conceito, é de grande valia analisarmos o projeto de escola que é denominado por Paulo Freire como Escola Cidadã, que surgiu no início dos anos 90.

Designa-se comumente por “Escola Cidadã” certa concepção e certa prática da educação “para e pela cidadania”, que, sob diferentes denominações, são realizadas, em diversas regiões do país, principalmente em municipalidades onde o poder local foi assumido por partidos do chamado campo democrático-popular. (Gadotti,2003)

A escola desejada por Paulo Freire é democrática, tendo uma prática pedagógica desafiadora, com foco no aluno. A instituição trabalha voltada para a comunicação dentro do meio, para que todos sejam livres.

A escola cidadã é uma escola coerente com a liberdade. É coerente com seu discurso formador, libertador. É toda escola que, brigando para ser ela mesma, luta para que os educandos-educadores também sejam eles mesmos. E como ninguém pode ser só, a Escola Cidadã é uma escola de comunidade, de companheirismo. (Gadotti, 2003)

A escola cidadã é símbolo de união, respeito mútuo entre todos, promovendo uma relação de companheirismo, mantendo uma reciprocidade entre educadores e educandos, considerando que quem ensina também é capaz de aprender, pois é de suma importância que dentro do processo educativo, todos os envolvidos aprendam alguma coisa.

A escola cidadã foi se proliferando dentro do espaço brasileiro, mesmo com as particularidades de cada meio.

A maior ambição da escola cidadã é contribuir na criação das condições para surgimento de uma nova cidadania, como espaço de organização da sociedade para a defesa de direitos e a conquista de novos. Trata-se de formar para e pela cidadania para a gestão de um novo espaço público não-estatal, uma “esfera pública cidadã”, como diz Jürgen Habermas, que leve a sociedade a ter voz ativa na formulação das políticas públicas e assim possa participar da mudança do Estado que temos para a criação de um novo estado, radicalmente democrático. (Gadotti,2003)

De acordo com essa percepção, a escola necessita do apoio de uma sociedade que seja verdadeiramente democrática, visto que a escola tem condições de modificar a sociedade, pois conhece de perto a comunidade, com todos os seus costumes e ideologias.

Faz-se necessário também, refletir sobre o processo de formação do professor, visto que ele necessita ter conhecido sobre o assunto trabalhado, programar suas aulas com antecedência e averiguar qual deve ser a metodologia adequada para atender a real necessidade de seus alunos. Sendo assim, ele deve possuir subsídios que o ajudem a atingir os objetivos de cada aula, valorizando o conhecimento prévio de cada um.

Quanto ao núcleo gestor da escola, este tem um papel fundamental na organização das diretrizes político-pedagógico de sua instituição, pois uma vez que este é escolhido com apoio da comunidade, ele consegue mediar uma relação baseada na democracia entre todos.

A prática do ensino deve ocorrer sempre através do diálogo aberto, contemplando a necessidade de cada um nesse processo de ensinar e aprender, contribuindo para que ele tenha uma vida saudável, produtiva e feliz.

Quanto ao aluno, esse é dono de muitos saberes, visto que vive em um mundo com uma vasta rotatividade de informações, sendo boa parte destas provenientes dos meios de comunicação, o que exige da escola uma metodologia diferenciada no trato com esses alunos, visto que o estudante é um indivíduo autônomo. Nesse modelo escolar, a aprendizagem é contínua e compartilhada por todos.

3.3 Inclusão: uma escola para todos

É função de a escola procurar soluções para extinguir toda e qualquer situação que possa contribuir com a exclusão social dentro do contexto escolar. As instituições de ensino precisam pensar em ações afirmativas para tratar os negros com igualdade, levando em conta que o nosso processo histórico repassou um ponto de vista negativo do negro, sendo importante estabelecer estudos e discussões sobre a temática do racismo no ambiente escolar, através de políticas de apoio as diversidades.

Ao pensarmos uma escola inclusiva, uma escola que reconhece as diversidades, são necessárias ações que auxiliem o professor no trabalho com os alunos, pois a tarefa de atuar com o coletivo mas, ao mesmo tempo, com o individual, não é tarefa fácil e muitas vezes gera angústias para o educador, como nos mostra TardifLessard.

Os educandos devem ser tratados de forma igualitária, sem distinções; e o professor deve fornecer as mesmas condições de aprendizagem para todos, respeitando a individualidade de cada um.

A escola precisa se preparar para lidar com situações relacionadas ao racismo, reconhecendo que essas práticas ocorrem dentro e fora dos muros escolares. Precisa-se também de momentos para se dialogar abertamente sobre o assunto (envolvendo toda a comunidade escolar) a fim de ampliar o conhecimento sobre o negro e sua participação na construção do nosso país. Conhecer, valorizar e respeitar a existências dos negros e sua

cultura no espaço escolar mostrará que a escola reconhece e institui ações positivas no tratamento das relações étnico-raciais.

Para lutar contra o preconceito e a discriminação, a escola precisa desfazer-se de todo e qualquer comportamento racista através da reestruturação do processo pedagógico, para que essas discussões possam ir além da fala e tornar-se prática do dia a dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos trabalhos de pesquisa como cursista de especialização em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar, bem como na vivência como professora da Rede Pública no município de Redenção, cheguei à conclusão de que as questões envolvendo a discriminação racial ainda estão permeadas de muito silêncio. A pesquisa junto a escola comprovou que o racismo é uma realidade presente no meio escolar, o que tornou necessário compreendermos o conceito de raça e racismo. É preciso discutir o assunto, a fim de construirmos um modelo de educação voltado para a cidadania. Ignorar o assunto ou silenciá-lo contradiz o espírito democrático, já que este exige do cidadão uma postura firme e transparente em relação às questões sociais.

São várias as possibilidades para a superação do preconceito, sendo que a escola tem um papel importante dentro desse processo, que seria assumir o papel de escola cidadã, criando ações afirmativas e respeitando as diferenças.

A pesquisa nos proporcionou uma reflexão sobre o tema, com base no comparativo que foi estabelecido acerca da visão de alunos, professores e gestores sobre o assunto. Constatou-se que os alunos tem ciência da existência do racismo, embora se mantenham alheios a situação. Quanto aos professores, estes por diversas vezes se deparam com situações que envolvem intolerância e embora já trabalhem a temática em sala, reconhecem a necessidade de um maior estudo sobre o tema.

Enfim, as informações adquiridas demonstram que é real a presença e a reprodução do racismo, ainda que de forma silenciosa, mas que precisam ser combatidos com ações positivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa. Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e Práticas – São Paulo: Summus, 1998.

A COR DA CULTURA. Saberes e Fazeres - Modos de Sentir. Copyright Fundação Roberto Marinho. Rio de Janeiro, 2006.

A COR DA CULTURA. Saberes e Fazeres - Modos de Ver. Copyright Fundação Roberto Marinho. Rio de Janeiro, 2006

ALVES, Ricardo Luiz. A Democracia e a Liberdade: Os Alicerces do moderno Estado Democrático de Direito, jun. 2005.

BRASIL, Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 46/2005 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2005.

ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO. Racismo: Uma Visão Geral. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005184>

GADOTTI, Moacir. Escola Cidadã, Cidade Educadora – Projetos e Práticas em Processo, out, 2003.

GADOTTI, Moacir. O Projeto da Escola Cidadã como Alternativa ao Projeto Neoliberal – Educar para e pela Cidadania, out, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>

GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM GÊNERO E RAÇA/GPP-GeR: módulo VI/ORGS. Maria Luíza Heibom, Leila Araújo, Andréia Barreto. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2004.

GHANEM, Elie. Educação escolar e democracia no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Ação Educativa, 2004.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: Usos e Sentidos, 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988. práticas. São Paulo: Summus, 1998.

NUNES, Sylvia. www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde.../nunes_do.pdf

ANEXO I

Enquete para alunos

1-Levando em consideração os aspectos relacionados

à cor/raça, você considera-se:

- (A) Branco
- (B) Amarelo
- (C) Pardo
- (D) Indígena
- (E) Preto

2- Você considera-se:

- (A) Amigo de todos independentemente da cor/raça, religião e condição social.
- (B) Diferente de todos, pois cada um tem sua particularidade.
- (C) Melhor que os outros, já que tenho tudo que desejo.
- (D) Vítima do preconceito por ser diferente.

3- Preconceito é:

- (A) Considerar-se melhor que o outro.
- (B) É um "juízo" preconcebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude "discriminatória" perante pessoas, lugares ou tradições considerados diferentes ou "estranhos.
- (C) Ter atitudes individualistas, pensando e agindo de acordo com seus interesses.
- (D) Considerar que todos são iguais perante a lei.

4- No que se refere à expressão verbal:

- (A) É comum ouvir “brincadeiras” do tipo: você é feio(a) porque é preto(a), sai daqui negão, cabelo de Bombril e outros para referir-se ao negro.
- (B) A linguagem não tem influência direta nas questões raciais.
- (C) Na verdade a linguagem usada no dia-a-dia da escola influencia diretamente nas questões relacionadas ao racismo ou discriminação.
- (D) Nem sempre quando se fala algo relacionado ao negro, quer dizer que sejamos preconceituosos.

5- Geralmente a história relacionada ao negro é estudada:

- (A) Na disciplina de História.
- (B) No dia da Abolição da escravatura, em agosto, mês do folclore, e no dia da Consciência Negra.
- (C) Não é estudada.
- (D) Como conteúdo, nas várias disciplinas que possibilitam tratar o assunto.

6- Em relação ao racismo você acredita que:

- (A) Não existe, todos são tratados de maneira igual.
- (B) É evidente que as desigualdades raciais ocorrem em nossa sociedade.
- (C) Observa-se um cenário preocupante de crescimento dos conflitos raciais e étnicos.
- (D) Não sei nada sobre o assunto.

7- Quanto aos comportamentos racistas você considera:

- (A) Que não deve existir, pois devemos respeitar e conviver com as diferenças.
- (B) Desrespeitar o outro por ser diferente de nós é comum na nossa sociedade.
- (C) É claro que atitudes que diz que um povo tem naturalmente tendência a defender a sua identidade denegrindo a dos outros sempre existiu.

(D) Abominável já que temos uma sociedade que se diz antirracista.

8- De que cor é o racismo?

(A) Não tem cor. Simplesmente existe.

(B) Amarelo. E tem olhos puxados, sorri muito e luta caratê.

(C) Preto. Porque se é ruim, é preto.

(D) branco-alemão-careca. Porque se é ruim, é preto.

9- Você já presenciou comportamentos considerados racistas:

(A) Muitas vezes e isso faz parte do cotidiano social e escolar.

(B) Nunca presenciei e considero abominável tal atitude.

(C) SIM. E com pessoas próximas a mim, e isso me deixou muito perplexo, já que vivemos em um país de uma imensa diversidade cultural.

(D) Não existe.

10. Quanto ao papel da escola em relação ao racismo:

(A) Deve promover a discussão coletiva sobre o racismo e de outras práticas preconceituosas, com a participação de todos (alunos, professores e equipe escolar).

(B) Discutir sobre racismo apenas na disciplina de História, já que estuda a história de todos os povos.

(C) Conscientizar a todos sobre a importância do negro e sua história.

(D) Exaltar alguns negros que são referências para a história como: Pelé, Barack Obama, cantores de samba e outros.

ANEXO II

Pesquisa para professores

Marque a alternativa que corresponde à realidade do seu ambiente escolar:

01- A temática envolvendo a história do negro é abordada na escola:

- (A) Nas datas comemorativas como: Abolição da Escravatura, em agosto, mês do Folclore, e no dia da Consciência negra.
- (B) Em forma de conteúdo, dentro das áreas que possibilitam tratar o assunto;
- (C) Em projetos elaborados pela escola.
- (D) Não é estudada.

02- Questões que envolvem o racismo devem ser tratadas:

- (A) No contexto Pedagógico pela escola.
- (B) Pelos movimentos ligados a questão social.
- (C) De acordo com casos que por ventura se evidencie na escola.
- (D) Como se não houvesse, para evitar muitos problemas entre docentes e discentes.

03- Quanto ao estabelecimento do currículo:

- (A) Tem como base as contribuições dos europeus e de acordo com os livros didáticos;
- (B) É baseado em metodologia que ressalta de forma positiva a diversidade racial;
- (C) Apresenta aos alunos a cultura indígena e negra;
- (D) Ignora a realidade plural e apresenta um caráter monocultural

04- Em relação à escola:

(A) Age de forma neutra no que se refere às questões sociais, deixando que os professores trabalhem de acordo com os conteúdos das áreas.

(B) Avalia e reavalia constantemente a prática da escola e reflete sobre os valores e conceitos apresentados em relação ao negro e sua cultura para conscientizar os alunos da importância.

(C) Tem pouco conhecimento para posicionar-se de forma crítica no que se refere à cultura negra.

(D) Tem procurado investir em sua formação para melhor tratar as questões raciais.

5- Quanto às diversidades entre grupos etnoculturais:

(A) Não são tratados, pois pode gerar conflitos.

(B) É importante promover reflexões a respeito das relações entre os grupos etnoculturais e assim estabelecer a socialização harmoniosa entre ambas.

(C) São manifestadas como parte da diversidade cultural brasileira.

(D) Não podemos ignorar as difíceis questões do multiculturalismo, das diferenças de raça, gênero, etnia, sexuais, religiosas, de linguagem, de região e da ética.

6. Para à escola fortalecer o relacionamento harmonioso, a aceitação da diversidade étnica e o respeito às diferenças deve:

(A) Pregar que todos devem se orgulhar de pertencer a uma determinada raça.

(B) Não dar devida atenção para as visões estereotipadas em relação ao negro presente nos livros didáticos, nas produções e em outros textos do material didático existente.

(C) Dar maior ênfase ao conhecimento sobre as heranças culturais brasileiras.

(D) Proporcionar momentos de reflexão acerca do assunto.

7- Em relação à expressão verbal:

(A) A linguagem não tem o poder de influenciar diretamente nas questões raciais.

(B) Às vezes é melhor usar o eufemismo para referir-se as etnias dos alunos e dessa forma não ofendê-los diretamente.

(C) Com certeza a linguagem usada no dia a dia da escola pode influenciar nas questões relacionadas ao racismo e a discriminação.

(D) É preciso não dar atenção a linguagem de pessoas preconceituosas.

8.Quanto ao acervo da biblioteca:

(A) Tem uma variedade suficiente de livros que tratam da questão racial;

(B) Não verificamos se há livros que tratam da temática.

(C) Temos alguns poucos livros que referem-se a questão racial.

(D) Não temos livros que tratem sobre a temática;

09- Quanto à capacitação dos professores em relação à questão racial:

(A) Sempre que possível fazem cursos ou grupos de estudo sobre a questão racial.

(B) Ainda não realizaram estudo sobre o assunto.

(C) Incorporamos o assunto nos encontros de estudo e principalmente nos encontros pedagógicos e momentos das formações da equipe.

(D) É necessário fazer um estudo mais aprofundado sobre o assunto e depois realizar com a equipe.

10-Diante de uma situação de discriminação deve-se:

(A) Não fazer nenhum comentário para evitar possíveis transtornos.

(B) Reagir de maneira harmônica, para contornar a situação, dizendo que nem sempre as pessoas querem ofender os outros, por isso podemos pedir desculpas a quem foi ofendido.

(C) Deixar claro que todos são diferentes uns dos outros e devemos conviver e respeitar as diferenças.

(D) Agir de forma energética, punindo de forma severa quem ofender o outro por conta de ser diferente (cor/raça).

ANEXO III

Pesquisa para a equipe de gestão

Marque a alternativa que corresponde à realidade do seu ambiente escolar:

1- A temática envolvendo a história do negro é abordada na escola:

- (A) Nas datas comemorativas como, Abolição da Escravatura, em agosto, mês do Folclore, e no dia da Consciência negra.
- (B) Em forma de conteúdo, dentro das áreas que possibilitam tratar o assunto;
- (C) Em projetos elaborados pela escola.
- (D) Não é estudada.

2. Questões pertinentes ao racismo devem ser tratadas:

- (A) Pela Escola, No contexto Pedagógico;
- (B) Pelos movimentos ligados à questão social;
- (C) Caso a caso, conforme as circunstâncias particulares;
- (D) Como se não houvesse, para evitar conflitos entre docentes e discentes.

Em se tratando da cultura negra ela é estudada:

- (A) Como importante pela riqueza do seu folclore;
- (B) Para descobrir e valorizar seu legado.
- (C) Como instrumento da prática pedagógica
- (D) Somente por ser um assunto ressaltado pela mídia.

3. Quanto ao estabelecimento do currículo:

- (A) Tem como base as contribuições dos europeus e de acordo com os livros didáticos;
- (B) É baseado em metodologia que ressalta de forma positiva a diversidade racial;
- (C) Apresenta aos alunos a cultura indígena e negra;
- (D) Ignora a realidade plural e apresenta um caráter monocultural.

4- Em relação ao professor:

- (A) Age de forma neutra no que se refere às questões sociais. E apenas transmite os conteúdos existentes nos livros didáticos e manuais pedagógicos.
- (B) Avalia e reavalia constantemente sua prática e reflete sobre os valores e conceitos apresentados em relação ao negro e sua cultura para repassar as informações aos alunos.
- (C) Tem pouco conhecimento para posicionar-se de forma crítica no que se refere à cultura negra.
- (D) Tem procurado investir em sua formação para melhor tratar as questões raciais.

05- Quanto às diversidades entre grupos etnoculturais:

- (A) Não são tratados, pois pode gerar conflitos.
- (B) É importante promover reflexões a respeito das relações entre os grupos etnoculturais e assim estabelecer a socialização harmoniosa entre ambas.
- (C) São manifestadas como parte da diversidade cultural brasileira.
- (D) Não podemos ignorar as difíceis questões do multiculturalismo, das diferenças de raça, gênero, etnia, sexuais, religiosas, de linguagem, de região e da ética.

06-Para à escola fortalecer o relacionamento harmonioso, a aceitação da diversidade étnica e o respeito às diferenças deve:

- (A) Pregar que todos devem se orgulhar de pertencer a uma determinada raça.
- (B) Não dar devida atenção para as visões estereotipadas em relação ao negro presente nos livros didáticos, nas produções e em outros textos do material didático existente.
- (C) Dar maior ênfase ao conhecimento sobre as heranças culturais brasileiras.
- (D) Proporcionar momentos de reflexão acerca do assunto.

07- Em relação à expressão verbal:

- (A) A linguagem não tem o poder de influenciar diretamente nas questões raciais.
- (B) Às vezes é melhor usar o eufemismo para referir-se as etnias dos alunos e dessa forma não ofendê-los diretamente.
- (C) Com certeza a linguagem usada no dia a dia da escola pode influenciar nas questões relacionadas ao racismo e a discriminação.
- (D) É preciso não dar atenção à linguagem das pessoas preconceituosas.

08-Em se tratando do trabalho escolar:

- (A) Alguns professores resistem em tratar a questão racial como forma de luta contra as injustiças sociais.
- (B) Os professores falam das questões raciais em data previstas no calendário escolar.
- (C) Apenas o professor de história trata da questão racial.
- (D) A escola faz um trabalho coletivo sobre a questão racial, envolvendo toda equipe da escola (professores, alunos e equipe em geral).

09- Quanto ao acervo da biblioteca:

- (A) Tem uma variedade suficiente de livros que tratam da questão racial;
- (B) Não verificamos se há livros que tratam da temática.
- (C) Temos alguns poucos livros que referem-se a questão racial.
- (D) Não temos livros que tratem sobre a temática.

10. Quanto à capacitação dos professores em relação à questão racial:

- (A) Sempre que possível fazem cursos ou grupos de estudo sobre a questão racial.
- (B) Ainda não realizaram estudo sobre o assunto.
- (C) Incorporamos o assunto nos encontros de estudo e principalmente nos encontros pedagógicos e momentos das formações da equipe.

(D) É necessário fazer um estudo mais aprofundado sobre o assunto e depois realizar com a equipe.